

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



VISITA DE SUA MAJESTADE
D. JOÃO CARLOS I,
REI DA ESPANHA
AO BRASIL
MAIO - 1983

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA



VISITA DE SUA MAJESTADE
D. JOÃO CARLOS I,
REI DA ESPANHA
AO BRASIL
MAIO - 1983

APRESENTAÇÃO

No período de 14 a 20 de maio visitou o Brasil Sua Majestade D. João Carlos I, Rei da Espanha. Neste período o Chefe-de-Estado espanhol visitou as cidades de Salvador da Bahia, Brasília, São Paulo e o Rio de Janeiro.

O presente volume editado pela Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência da República transcreve os pronunciamentos de Sua Majestade em português e espanhol e do Presidente João Figueiredo.

Complementarmente graças ao significado da homenagem é transcrito também o discurso de Sua Majestade ao ser agraciado com o Título de Doutor «Honoris Causa» pela Universidade de São Paulo.

Brasília, junho de 1983.

16 DE MAIO
PALÁCIO DO ITAMARATY
BRASÍLIA — DF
DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO AO REI DA ESPANHA,
JUAN CARLOS

Majestade:

Berço de um dos florões mais ricos da cultura européia, presente, por seus reflexos, em tantos países irmãos, a Espanha é, para os brasileiros, muito mais do que uma nação amiga. A ela nos une infinidade de laços, cujas origens vão encontrar-se nas tradições ibéricas comuns, nas fontes de nosso direito e de nossa história administrativa, na admiração pelas grandes obras das letras, das artes e das ciências hispânicas.

Nosso afeto pela nação espanhola se renova constantemente, graças à íntima e fraterna convivência latino-americana. Na personalidade dos povos vizinhos sentimos a força e a criatividade da cultura espanhola, de sua capacidade de renovar-se, de assimilar as contribuições de outras culturas e de renascer, forte e rica, sob novas formas.

Essa vitalidade não nos é estranha. Manifesta-se nas tradições de uma cultura afim, a lusitana, de que somos os herdeiros americanos e, na presença, em nosso território, de tantos imigrantes espanhóis e de seus descendentes.

Vieram eles trazer sua contribuição à nossa obra de desenvolvimento nacional. Integrados em nosso esforço, participam de nossas dificuldades, compartilham nossos desafios e oferecem-nos a energia de sua inteligência e de seus braços.

Vossa Majestade é lidimo intérprete dos anseios de todos os espanhóis, o fiador da unidade e da democracia espanhola. Há quase dez anos, em palavras dirigidas ao seu povo, Vossa Majestade afirmou: «todos unidos conseguiremos alcançar para nossa pátria os horizontes de justiça, liberdade e grandeza, merecidos pelo trabalho, o esforço e o sacrifício que com tanta generosidade despendem os espanhóis.» Com satisfação vemos, hoje, que essas palavras se transformaram em realidade.

Já no início de meu Governo, tive a honra de receber a visita do então Presidente do Governo espanhol, Adolfo Suárez, acompanhado de importante comitiva. Posteriormente, acolhemos, com prazer, o Ministro do Trabalho e Assuntos Sociais, o Chefe do Estado-Maior da Armada da Espanha e outros ilustres representantes do Governo espanhol.

Por sua vez, vários Ministros brasileiros visitaram Madri, onde mantiveram entendimentos que têm impulsionado as relações bilaterais nos mais diversos campos.

A presença de Vossa Majestade entre nós simboliza a vontade da Espanha e do Brasil de aproveitarem as múltiplas oportunidades de aproximação e amizade. A participação, em sua comitiva, do Ministro Fernando Morán Lopes, é eloquente testemunho do empenho em dar conteúdo denso ao quadro de nossas relações.

A presença de Vossa Majestade entre nós enseja franca e variada troca de opiniões sobre as questões internacionais e bilaterais de interesse de nossos países. O momento é particularmente oportuno, em virtude da crise internacional que vivemos: as vozes do Brasil e da Espanha podem contribuir para o encaminhamento de soluções dos principais problemas que afligem a comunidade internacional.

Majestade,

A busca da prosperidade e da paz é o objetivo, por excelência, da política externa do Brasil e da Espanha. A concretização desse ideal tem sido dificultada nos últimos anos, por empecilhos de toda sorte. Acompanhamos, com apreensão, a crescente dete-

rioração dos padrões de relacionamento internacional, que deixaram de responder às necessidades e aspirações dos Estados e dos povos. A real interdependência política e econômica dos povos não está refletida no sistema vigente de convívio entre os Estados, onde prevalecem tantas vezes a intransigência, a confrontação e a discórdia.

Crises se sucedem em diferentes quadrantes do globo; conflitos se agravam e se perpetuam ante a freqüente inoperância dos mecanismos de solução pacífica das controvérsias.

Mais do que nunca são essenciais o diálogo, o entendimento e a cooperação entre os povos.

O Brasil acredita nos ideais da cooperação internacional, no princípio da igualdade soberana dos Estados, no respeito às particularidades nacionais e regionais. Urge evitar a transposição de conflitos de nível global ao regional, para impedir que se propaguem os focos de tensão.

É preciso criar nova realidade política sem caráter de força ou predomínio. É preciso, sobretudo, compartilhar a responsabilidade da negociação e das decisões, para que se logre a correção de desequilíbrio e injustiças.

Com esse propósito, o Brasil propugna novo ordenamento mundial fundado no consenso e na participação democrática de âmbito universal. Cada Estado tem o direito e o dever de contribuir, na medida de suas possibilidades, para o progresso de todos.

Nenhum país pode pretender, isoladamente, ser o detentor de fórmulas ou receitas para solucionar as dificuldades contemporâneas. O Brasil não é exceção. Não quer fazer discípulos ou seguidores. Exorta, porém, à negociação serena, construtiva e equilibrada, por acreditar que dela podem advir a cooperação e a boa convivência internacionais. Esforça-se pela generalização de um clima de confiança, para que nele germinem a Paz, a Justiça e o Desenvolvimento.

Foi essa a mensagem que procurei transmitir quando me dirigi, ano passado, à Assembléia Geral das Nações Unidas.

Detive-me, então, nos efeitos da crise econômica que atinge o Mundo inteiro e nos caminhos para pôr fim às dificuldades que enfrentamos. É uma crise profunda do próprio sistema, que afeta os países industrializados e as economias em desenvolvimento. A própria crise reflete, para quem a analisa de modo objetivo e lúcido, a complementaridade dos interesses do Norte e do Sul, empenhados na reativação e expansão da economia internacional.

Elemento essencial para superar essa situação adversa é a dinamização dos fluxos de comércio e finanças entre os países desenvolvidos e as nações em desenvolvimento. A estreita ligação dos diversos setores da economia mundial faz com que a recuperação das economias do Norte não se possa sem a efetiva participação do Sul, muito menos às suas custas.

A realidade contemporânea clama por um esforço renovado, por parte de todos os membros da comunidade internacional, para a preservação do patrimônio que lhes é comum, em nome do futuro da Humanidade.

Majestade,

Espanha e Brasil conhecem, com clareza, seus respectivos papéis no cenário mundial. Não nos faltará bravura para corresponder às nossas responsabilidades históricas, nem galhardia para perseverar em nossos esforços, apesar das dificuldades que o momento internacional nos cria.

O nosso relacionamento bilateral constitui larga história de entendimento e cooperação.

É minha convicção que, a partir desta visita de Vossa Majestade, os homens de Estado e de empresa, brasileiros e espanhóis, sentir-se-ão estimulados a encontrar fórmulas criativas para ampliar e aperfeiçoar a cooperação entre nossos países.

Estimo que, em todo o transcurso da visita, Vossa Majestade possa colher em sua plenitude as demonstrações do desejo sincero de todos os brasileiros de estreitar cada vez mais os laços de fraternidade que nos unem à Espanha.

Em nome de todos os brasileiros saúdo Vossa Majestade e convido todos os presentes a erguerem suas taças pelo desenvolvimento das relações de amizade entre a Espanha e o Brasil, pela prosperidade crescente do povo espanhol e pela felicidade pessoal de Suas Majestades o Rei Juan Carlos I e a Rainha Sofia.

16 DE MAIO
PALÁCIO DO ITAMARATY
BRÁSÍLIA — DF

DISCURSO DE SUA MAJESTADE O REI
JUAN CARLOS POR OCASIÃO DO JANTAR QUE LHE FOI OFERECIDO PELO
PRESIDENTE JOÃO FIGUEIREDO

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores:

Em primeiro lugar desejo agradecer em nome da Rainha e do meu próprio, a generosa hospitalidade brasileira com que nos haveis acolhido nesta formosa Cidade de Brasília, assim como o brinde pleno de fraternidade e afeto que acabais de pronunciar. As afinidades e raízes essenciais entre Íbero-América e a Espanha, constituem a mais sólida sedimentação para construir um entendimento frutífero e uma ação coerente baseada na concretização de um projeto político comum e na credibilidade do mesmo. Por acreditar vivamente nisto, pisamos sempre na América com verdadeira e renovada ilusão e com um sentimento de familiaridade ao qual, à História, também não é estranho.

Senhor Presidente,

Toda a Espanha olha, hoje, com admiração e respeito a Nação brasileira. A palavra Brasil desperta em todos os espanhóis cálidas e mágicas lembranças: o caráter legendário de uma terra de promissões, generosamente aberta a tantas influências do Exterior ao correr dos séculos, de tão grande capacidade para a receptividade e a síntese justificando, sem esforço, aquele sentimento. A epopéia dos bandeirantes, sua incessante e prodigiosa

marcha para o Oeste, o continentalismo itinerante da Nação brasileira, em suma, poderiam ser resumidos nesta Capital Federal, Brasília. Milagroso exemplo de tenacidade histórica, na luta pelo destino. Toda a História do Brasil é um compromisso permanente entre a imensidade do empenho humano diante de um meio, geralmente adverso, e a vontade de sua gente em superá-lo, abertas sempre ao diálogo e a novas fronteiras.

Nos une ao Brasil uma história comum daqueles 60 anos, à cavalo, entre os séculos XVI e XVII, assim como os valores culturais que desde então permanentemente compartilhamos e a pertencemos, inequivocamente, a uma civilização comum.

A ambas orlas deste nosso Oceano convertido em mar familiar, nos une igualmente uma atitude ante o futuro. A tradicional imagem de bondade que sempre apresentou o Brasil na Espanha como autêntico Eldorado integrador, como fertilíssimo produtor de matérias-primas, como país de grande receptividade aos fluxos migratórios e com uma extraordinária capacidade para a assimilação de elementos estrangeiros que se não integrado em sua cultura e modo de ser nacionais, se junta hoje a admiração pela sábia condução deste País em tão difícil conjuntura política e econômica como a que vive o mundo de nossos dias, com o interesse declarado e pleno de expectativas quanto ao processo de autêntica democratização que tão habilmente Vossa Excelência está levando a bom porto, Senhor Presidente.

Na Ibero-América existem tantos tempos históricos como Nações. Apenas deste ponto de partida pode-se buscar uma aproximação autêntica e objetiva ao tema. Não havê-lo compreendido assim, não haver enfocado nunca como o necessário realismo nem com o devido respeito ao estudo das correntes profundas da História da América, tem causado graves male-entendidos, de nefastas consequências, não tão longínquos, nem no tempo nem no espaço. No que diz respeito ao Brasil tanto mais dolorosa há sido esta carência informativa quanto este é um país de personalidade muito definida em seu contexto geopolítico, inspirador e rico em matizes de todo tipo, grande potência do século XXI, enorme realidade política e industrial já nos dias de hoje, chamado, sem dúvidas, a interpretar um papel de máximo relevo

nos anos vindouros. Por mais ocioso que pareça, haveríamos de remontar a um delineamento do tipo histórico-cultural para compreender; devidamente, o que significa este País no contexto da História Geral do Continente Americano e nas específicas relações da Espanha com esta parte do Mundo. No Século dos descobrimentos, com um destino intimamente unido às velhas metrópoles lusitanas e espanholas, com uma dominação colonial portuguesa, produto de sua talassocracia, praticamente cingida ao litoral até já bem entrado do Século XVIII, com uma população etnicamente muito diversificada e um sentimento inicial de consciência nacional cunhado ao redor de uma pequena elite de bases latifundiárias e agrárias no Século XIX, cujos pressupostos sociológicos sofrem uma profunda transformação com o advento da República Federativa em 1889 e, sobretudo; com a atual experiência desenvolvimentalista de nossos dias. Com as inevitáveis mudanças de cenários que o desenvolvimento e a industrialização impuseram (basta ter-se acesso às vibrantes páginas sobre o tema através da grande Escola brasileira de Sociologia do Desenvolvimento), a realidade permanece inalterável: O Brasil é, em nossos dias, um exemplo notável de experiências políticas e econômicas, que estabelece um modelo a seguir em muitos outros países. A experiência há de ser, forçosamente, positiva. Colocar em marcha este projeto, o grande desafio dos extertores do Século XX.

Senhor Presidente,

A rainha e eu admiramos a atrevida arquitetura, plena de beleza, dos edifícios públicos de Brasília, de suas grandes esplanadas e do original Plano Piloto que dão uma configuração urbanística atrevida e única a esta Capital Federal, encravada no coração do Planalto e da qual não está ausente a intenção da Espanha ao apresentar a atrevida síntese estilística de meu país, que é a Embaixada da Espanha. Nos próximos dias continuaremos nosso emocionante trajeto por Rio de Janeiro e São Paulo, cidades de tão definitiva presença na vida deste grande País.

Ao agradecer novamente a Vossa Excelência a hospitalidade que nos haveis dispensado, devo proclamar a agradável emoção com que vivemos estes momentos de aproximação entre povos ir-

mãos de raízes ibéricas que estão indissolivelmente unidos no decorrer dos séculos por pertencer a uma mesma família e por seu próprio mandato na História e que, sobretudo, projetam seu futuro com a certeza da coincidência essencial na tarefa histórica comum que nos aguarda.

Senhor Presidente, Senhora de Figueiredo:

A Rainha e eu, em nosso próprio nome e no do povo espanhol, mais uma vez, dizemos: Muito Obrigado.

17 DE MAIO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
BRASÍLIA — DF

DISCURSO DE SUA MAJESTADE O REI
JUAN CARLOS POR OCASIÃO DE SUA
NOMEAÇÃO COMO DOUTOR «HONORIS
CAUSA» DA UNIVERSIDADE DE BRASÍ-
LIA

Excelentíssima Senhora Ministra,
Magnífico Reitor da Universidade de Brasília
Senhores Decanos e autoridades universitárias
Senhores alunos universitários,
Senhoras e Senhores:

Com profunda emoção recebo hoje o Doutorado *Honoris Causa* que esta Casa de brilhante direção me outorga. Ser admitido no seio de uma Universidade sempre é uma honra e quando isto tem lugar após a bela saudação com que acaba de receber-me o Professor Vamireh Chacón, fiel defensor das instituições democráticas espanholas, a emoção é mais profunda.

A honra que hoje sinto em Brasília é ainda maior, já que vossa iniciativa foi ditada por considerações relacionadas com o caminho democrático que meu país culminou com passo firme.

Brasília, Capital da Esperança — como a definiu André Malraux — é o símbolo do novo Brasil, pujante e livre que assombrou o Mundo.

Quando ontem estivemos na Bahia, crisol de raças e civilizações, nossas pupilas ficaram ofuscadas pela beleza da Cidade sen-

sual, cálida, colorida, pitoresca, com suas construções barrocas e suas ruas tortuosas e matizadas. Ao aterrissar em Brasília, invadiu-nos uma sensação de paz. É uma cidade plena de rigor, de claridade, de amplas perspectivas na qual não pude senão me sentir encantado. É uma evidente manifestação da vontade do Homem na ordenação das coisas e admira-nos pela extraordinária audácia urbanística de Lúcio Costa e arquitetônica de Oscar Niemeyer convertendo a forma em luz.

Brasília é a concretização de um sonho, de uma aspiração que não é de hoje nem de ontem. Inicia-se no Século XVIII e transforma-se em realidade em vinte e um de abril de mil novecentos e sessenta quando, como diz a placa esculpida com o perfil do Presidente Kubitschek, na Praça dos Três Poderes, «O Brasil tem um encontro com sua grandeza».

E é esta Universidade inovadora através de programas de extensão e publicação editorial, de programas internacionais cujos ecos têm alcançado todas as Universidades do Mundo, além dos programas de pesquisa a que toda Universidade se obriga, que me confere esta honra apenas outorgada antes a personalidades como Charles De Gaulle, Albert Sabin, Theodor Hershberg, José López Portillo e Roberto Marinho.

Muito vos agradeço.

Na Europa desde a Idade Média, na América desde o Século XVI e principalmente desde o XVIII, a transmissão da cultura e o preparo das elites têm sido realizados nas Universidades. No Século XII, a Universidade de Paris, as de Oxford e Bolonha, pouco depois Cambridge, Pádua, Salamanca, Toulouse, Montpellier, Praga, Viena, Heidelberg, Colônia, Valladolid, Nápoles, Coimbra, logo Alcalá, Lovaina, Leiden, Upsala, Yena, Berlim... Na América, depois do Estudo Geral em Santo Domingo, as Universidades do México e São Marcos de Lima, ambas fundadas em mil quinhentos e cinquenta e um, enquanto a de Harvard é de mil seiscentos e trinta e seis e Yale de mil setecentos e um.

Nosso Julián Marias, cuja palavra foi ouvida nesta mesma Universidade, não faz muito tempo na homenagem que prestas-

teis ao insigne hispanista Gilberto Freyre, lembra que a principal função da Universidade é a de ensinar a pensar com rigor, a diferenciar o verdadeiro do falso, a dominar o mecanismo da justificação, a entender de maneira tal que, quando não se entende, sabe-se que não se entende.

Esta função capital vê-se ameaçada pelo crescimento e a tentação utilitária na ciência e pesquisa universitárias.

O utilitarismo, que começou científico, é hoje quase apenas econômico, social, político. É preciso ocupar-se dos problemas imediatos e urgentes das sociedades em que vivemos. Mas a única maneira de tratar eficazmente estes problemas, é possuindo os instrumentos conceituais, precisos, rigorosos, comprovados.

Eis o espírito da Universidade: humanismo e democracia. A Universidade deve dirigir-se ao homem e não somente à técnica. Este humanismo deve estar ao serviço de todos.

O cerne das sociedades do nosso tempo, no Ocidente, necessita absolutamente de uma universidade eficaz, criativa, transmissora de cultura.

Após tempos de turbulências e crises, nos quais todos os valores da instituição universitária foram postos à prova, voltamos a tomar consciência que a liberdade intelectual, tal como os procedimentos democráticos, oferece também uma oportunidade única para fazer com que a capacidade dos homens lhes permita abrigo em seu espírito a razão e a moral.

Devemos inserir a universidade na sociedade de nosso tempo, sem separá-la da vida real. Esta é uma das expressões características do novo modelo universitário, que se baseia na crença primordial do direito de cada homem a realizar-se plenamente e participar na construção do seu próprio futuro.

Já em mil novecentos e trinta, Ortega y Gasset — que tanta influência teria no pensamento brasileiro, a ponto de Luis Washington Vita dizer que a sua História poderia dividir-se em antes e depois de Ortega — afirmava que era necessário devolver à instituição universitária sua tarefa central de ilustração do homem, de ensinar-lhe a plena cultura de seu tempo, de descobrir-lhe, com clareza e exatidão, o gigantesco e complexo mundo pre-

sente, onde deve inserir sua vida, para ser autêntica, para ser propriamente humana.

É necessário, portanto, um mútuo conhecimento entre a universidade e a sociedade e esta deve apreciar, admirar e até mesmo amar a universidade.

A responsabilidade dos intelectuais converge na mesma direção das responsabilidades dos estadistas. O Mundo tem um encontro marcado com o humanismo, a paz e a democracia. A universidade é o centro animador das forças que racionalizam esta construção.

Excelentíssima Senhora Ministra,

Magnífico Senhor Reitor,

Senhoras, Senhores,

Ao expressar minha profunda gratidão, desejo reiterar também meu grande respeito e amor pela instituição universitária e, ao mesmo tempo, minha fé nos valores e crenças sobre os quais se apóiam nossa concepção de vida.

No Brasil, na sua Capital Federal, a Universidade de Brasília representa um farol capaz de iluminar muitas destas discussões e desejos. Sabemos, desde as experiências das próprias universidades espanholas, onde permanece viva a lição de Fray Luis de León, que o espírito necessita ser sempre alimentado pela confiança no Homem. Que na Capital da Esperança a Universidade de Brasília seja também a Universidade da Esperança.

17 DE MAIO
CONGRESSO NACIONAL
BRÁSILIA — DF

DISCURSO DE SUA MAJESTADE O REI
JUAN CARLOS, POR OCASIÃO DA SES-
SÃO SOLENE EM SUA HOMENAGEM

Senhor Presidente do Congresso,
Senhores Congressistas:

Me honra sobremaneira vosso convite para pronunciar esta alocução no Senado e na Câmara dos Deputados da República Federativa do Brasil reunidos em Sessão Conjunta e através de vós, o povo que representais.

Para qualquer espanhol os povos da América têm um significado profundo, consequência lógica de uma história comum e da especial relação que através dos séculos nos há unido de forma tão permanente. Não constitui, entretanto, empresa fácil referir-se ao profundo significado dessas relações, por várias razões. A Ibero-América não pode ser considerada como se se tratasse de um todo homogêneo, aplicando-se-lhe receitas generalizadas e querendo transferir modelos alheios, como às vezes se cai na tentação em países da Europa. No Continente Americano existem tantos tempos históricos como nações, os quais supõem peculiaridades nacionais e diversos graus, ritmos e níveis de desenvolvimento estrutural. Somente tomando esta base como ponto-de-partida é que se pode pretender uma aproximação com a Ibero-América.

Superada uma época em que a Espanha e a Ibero-América estiveram mais próximas do formal do que das questões de fun-

do, se inicia uma nova etapa em que as relações entre nossos povos podem e devem adotar um projeto comum de autêntica dimensão histórica. A projeção americana da Espanha constitui um dos objetivos fundamentais da política exterior de meu país e, ao mesmo tempo, um compromisso que, encarnado na coroa, com reflexos em nossa Norma Suprema Constitucional: «O Rei assume a mais alta representação do Estado espanhol nas relações internacionais, especialmente nas nações da sua comunidade histórica...» (art. 56.1 da Constituição).

A colocação em marcha deste projeto é o grande desafio histórico que a Espanha enfrentará nos próximos anos, de um e do outro lado do Atlântico, porque mais do que uma política direcionada à Ibero-América, deve-se falar de uma política com e ao lado dos povos deste Continente. As bases que regerão essa política devem ser assumidas por qualquer governo democrático espanhol, independentemente de seu partido político: consequentemente, por todas as forças políticas e sociais do país, obedecendo a uma autêntica política de Estado. Esta concepção estatal foi exposta por ocasião de minhas viagens anteriores ao Continente irmão, tratando assim de fixar as linhas gerais destes vínculos em suas dimensões exatas.

Em mais de uma ocasião manifestei o desejo de mantermos relações permanentes e profundas com o Continente Ibero-americano porque, acima dos governos, que são conjunturais, estão as relações com os povos que são permanentes. Esta é a nossa filosofia que pretende a política exterior espanhola frente a nossa presença na América Latina: continuidade desta presença, expressão de respeito entre os Estados e do princípio de não-ingerência nos assuntos internos de outros países. A idéia ficaria, não obstante, inoperante se não pudéssemos desenvolver, junto a essa política de Estado, de forma paralela, uma «política dos povos». A solidariedade com os povos que lutam pela liberdade e pela democracia, pela defesa dos direitos humanos, pela promoção da justiça, do progresso e da paz, são valores universais que defenderemos ativamente e que a Espanha proporá em quantos foros internacionais possa fazer ouvir a sua voz.

Senhor Presidente do Congresso,

Senhores Congressistas,

Ao dirigir-lhes a palavra não posso deixar de assinalar, com grande louvor, a via de desenvolvimento político brasileira, que de forma tão esperançosa se entreabriu.

O pluralismo político como base de consolidação da democracia, o equilíbrio entre um sistema de liberdades e a manutenção da ordem pública, o respeito fiel e constante dos direitos humanos e a presença, no esquema democrático, de todas as minorias, são condições que convergem ao supremo ideal democrático. A democratização, ademais, supõe hoje, tanto neste como em outros continentes — a alavanca básica para a consolidação do desenvolvimento social e econômico.

Eu permito, pois, publicamente, felicitar aqui os novos Senadores e Congressistas eleitos pelo povo brasileiro a 15 de novembro, através de eleições livres. Em nossas mãos estão depositadas agora as expectativas de uma transição democrática a qual o Mundo começa a olhar com interesse, senão com autêntica admiração e respeito. Tal é o valor de nossa difícil condução.

Estas conquistas estão na linha da mais profunda tradição humanista de nossos povos e de reconhecimento dos valores liberais que distinguem a nossa mútua tradição ocidental, desencravadas do Século XIX. No momento atual, em que se aspira ao estabelecimento de uma nova ordem internacional, nas tensões dos grandes problemas desta segunda metade do Século XX, é precisamente quando as dificuldades tornam mais necessárias as mudanças. Mudanças de atitudes, mudanças de perspectivas, mudanças de instrumentos nos delineamentos de nossa filosofia e de nossos modos de ação.

Senhor Presidente do Congresso,

Senhores Congressistas:

Na ordem internacional se faz preciso o reconhecimento da margem de autonomia necessária para defender os interesses nacionais, dentro do respeito aos equilíbrios regionais ou globais. Creio que nesse sentido o Brasil tem dado provas mais do que suficientes, durante os últimos anos, dessa autonomia de critérios

e de ação ao manter posições próprias em suas relações internacionais que vêm a enriquecer a unidade das ações regionais ou hemisféricas. A grande tradição de diálogo e flexibilidade de vosso povo, a inesgotável capacidade de assimilação e absorção de que o Brasil tem dado mostras sem conta desde o grito histórico do Ipiranga, são valores espirituais permanentes que ajudarão, sem dúvidas, a cimentar o definitivo peso específico da América no mundo do Século XXI. Mas ainda antes, na difícil crise global que vivemos em nossos dias, essas virtudes reconhecidas de vosso povo, aberto sempre ao diálogo construtivo e à crítica criativa, ajudarão sobremaneira a buscar uma saída para as penúrias financeiras do momento atual e a solidificar os processos de integração regional e subregional atualmente em marcha.

A riqueza do pluralismo político, da qual sois representantes, presta um grande serviço à comunidade, de interesse de todos os povos americanos que, olham hoje com fé e esperança o futuro imediato deste grande País.

O generoso espírito da liberdade que constantemente tem nutrido o ideário de nossos mais destacados porta-vozes e de nossas leis, servindo com fidelidade a vosso povo, encerra a chave interpretativa de um futuro de crescente concórdia e de grandes realizações.

Não gostaria de terminar estas meditadas palavras sem fazer uma referência à inalterabilidade e permanência dos vínculos reais, com base na cultura e na História, que unem a Espanha a este Hemisfério, com seus povos irmãos da América. Rendo, pois, homenagens, ante estas Câmaras reunidas em Sessão Conjunta, às nações soberanas e independentes da Ibero-América que, como é o caso do Brasil, seguem constituindo para a Espanha o rumo e o guia de nossa política exterior. Não é em vão, Senhores Senadores e Deputados que a Espanha tem seus interesses ancorados nesta parte do Atlântico.

17 DE MAIO
EMBAIXADA DA ESPANHA
BRASÍLIA — DF
DISCURSO POR OCASIÃO DO JANTAR
OFERECIDO PELO REI DA ESPANHA,
JUAN CARLOS

Majestade:

Suas amáveis palavras refletem, de forma generosa, o clima de amizade e de entendimento que marca a visita de Vossas Majestades ao Brasil. Ao mesmo tempo, bem ilustram a excelência das relações entre os nossos dois países.

A frequência das visitas de alto nível trocadas por autoridades espanholas e brasileiras, nos últimos anos, atesta o interesse recíproco e a vontade política de traduzi-las em benefício de nossos povos.

Nossa cooperação bilateral vem-se desenvolvendo de modo construtivo e dinâmico. Nos campos da cultura, da indústria, do comércio, da técnica e da tecnologia assomam perspectivas promissoras de maior colaboração e, portanto, de aprimoramento das relações bilaterais.

Vossas Majestades deixarão Brasília para conhecer, a partir de amanhã, outras cidades brasileiras. Como em Salvador e aqui, também no Rio de Janeiro e São Paulo terão oportunidade de verificar os frutos da civilização ibero-americana em nosso país e testemunhar a amizade e admiração que o povo brasileiro vota ao povo espanhol e aos seus soberanos.

É meu desejo que Vossa Majestade e a Rainha Sofia levem de nossa terra a imagem de um povo irreversivelmente compro-

metido com a amizade e a cooperação no plano internacional e com a busca de seu desenvolvimento integral, nos planos político, econômico e social.

Ergo minha taça e peço a todos que me acompanhem num brinde à amizade entre os povos espanhol e brasileiro, à grandeza e prosperidade da Espanha e à felicidade pessoal de Don Juan Carlos I e Dona Sofia.

19 DE MAIO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
SÃO PAULO — SP

DISCURSO DE SUA MAJESTADE O REI
JUAN CARLOS, POR OCASIÃO DE SUA
NOMEAÇÃO COMO DOUTOR «HONORIS
CAUSA» DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO

Senhor Reitor da Universidade de São Paulo,
Autoridades acadêmicas,
Senhores Professores,
Senhoras e Senhores:

A honra com que me agridam com a investidura como Doutor *Honoris Causa* por esta prestigiosíssima Universidade de São Paulo, tem para mim um profundo significado e constitui uma satisfação especialíssima por quanto exceda o limite do normal a distinção da qual me fazem objeto.

Faz-se necessária, nesta ordem de idéias, uma explicação sobre o sentimento do qual vos falo.

No mês de novembro de 1978, por motivo de um discurso pronunciado na Universidade de São Marcos, de Lima, que me honrou com análoga distinção, manifestei o profundo sentido histórico necessário para valorizar devidamente a íntima junção intelectual e humana que sempre uniu as Universidades americanas e espanholas.

Assinalava naquela ocasião que as 14 gerações genealógicas que nos separam do grande começo da época dos descobrimentos

e da colonização da América são, em realidade um breve espaço de tempo histórico.

Apesar da grande obra realizada é evidente que a função básica da velha idéia medieval de *Universitas* está abrindo ainda novos caminhos e novas fronteiras.

Em nenhum lugar a idéia motriz de uma Universidade em marcha é tão evidente como na América. E, possivelmente, a Universidade de São Paulo seja um dos grandes focos intelectuais do Continente, com categoria de autêntica pioneira em muitos dos ensinamentos aqui distribuídos.

Entretanto, não é apenas a Universidade mas a própria vida intelectual brasileira em seu conjunto que aporta os valores de uma longa tradição cultural própria deste País e, em definitivo, o caráter de renovação que vive hoje o mundo da cultura e que tão necessitado está de novas idéias e experiências com autêntica validade e dimensão universais.

Ao agradecer esta distinção, resumo e compêndio dos mais altos valores do espírito deste grande País, quisera trazer à consideração de todos vocês que neste mundo das idéias — tão longínquo de interesses meramente políticos ou das exigências imediatas que delineam as relações internacionais — existem alguns conceitos fortemente sentidos no meu País que podem iluminar nobres expectativas na evolução da idéia de Universidade em nossos povos.

A cultura ibérica trouxe muitos valores ao Mundo e não apenas ao Ocidente.

A dimensão ecumênica de nossa cultura e de seus modos de atuação e difusão já faz parte de um patrimônio comum à Humanidade. É curioso comprovar como, nas origens, caminhamos estreitamente e de mãos dadas nos últimos séculos.

Senhor Reitor,

Autoridades acadêmicas,

O elemento diferencial mais importante em qualquer processo histórico-cultural é estabelecido pela língua. O idioma é o sangue de nossa cultura, como dizia aquele insigne gramático andaluz do Século XV, Antonio de Nebrija.

No caso do Brasil, de Portugal, das vizinhas nações irmãs deste grande Continente e da própria Espanha, o elemento diferencial ao qual aludo não existe realmente.

Pelo contrário, se perde num tronco comum.

O Senhorio de nossa nobre língua portuguesa vem fundido, historicamente, no crisol comum das línguas romances peninsulares. Inclusive de um ponto-de-vista cronológico, o primeiro grande passo do latim vulgar à nova língua, lhe dá o lírico galaico-português.

O Brasil herdou os valores daquele grande veículo de difusão cultural, que se enriquece, dia-a-dia, nas salas de aula e fora delas.

O avanço do idioma, as novas experiências no campo da semântica, a criação de novos vocábulos e a necessidade de encaixar novos conceitos tecnológicos e científicos na cunhagem de novos termos, são a seiva da língua.

Diz-se, sem qualquer razão, que os povos ibéricos, nossos povos, haviam sido dotados para o cultivo — sempre brilhante — das humanidades e das artes, mas que padecem de certas condições básicas para enfrentar, com igual habilidade o mundo científico dos experimentos e da prática.

Isto, que sempre foi uma meia-verdade, hoje em dia é falso.

Inclusive por época dos alvares da presença da civilização européia neste continente, houve algumas especialidades científicas como a Astronomia, a Cartografia e a Náutica em que a contribuição de nossos povos foi, em geral, transcendente e quase monopolizadora. O épico daqueles séculos, do qual Camões foi o grande intérprete não se compreende sem o obrigado tributo à nossa ciência de então.

Isto nunca desmereceu aquele velho respeito pelas humanidades, nem o prodigioso cultivo das mesmas.

Inclusive nos dias de hoje, na marcha necessária em direção a um novo espírito humanístico, os países de nossa estirpe têm muito que dizer e aportar ao grande caudal comum.

O processo reversivo do discurso crítico científico que presenciávamos em nossas sociedades atuais só pode ser válido no sentido de obter a síntese total, a dimensão única do Homem no Mundo, a que aspiraram as grandes inteligências renascentistas dos Séculos XV e XVI.

A crise de valores, a busca de novos caminhos, a necessidade de fundar uma nova ordem internacional que distancie a Humanidade do holocausto da guerra total e das graves injustiças sociais das quais o Homem ainda padece na face da terra são, meus distintos amigos, os desafios peremptórios que acossam nosso fazer diário e para os quais a primeira a ser obrigada a responder é a Universidade.

Nestes novos caminhos, a contribuição da intelectualidade brasileira e desta grande Universidade de São Paulo já rebaixou, de há muito, nossas fronteiras para adquirir o reconhecimento público: nossa medicina, a grande tradição liberal de nossa Faculdade de Direito, o cultivo das Ciências Sociais e o prestígio de novas escolas da sociologia do desenvolvimento, em que as gerações de brasileiros se sucedem umas às outras em brilhantismo e experiências acumuladas, são boa prova disto.

No princípio do século, os espanhóis entenderam em um grande movimento crítico que se conhece com o nome de geração de 98, que era preciso mudar a filosofia dos povos históricos, entendendo-se por tal aqueles povos que haviam contribuído com valores decisivos para o desenvolvimento da Humanidade.

A triste conjuntura ou circunstância histórica em que se fundava dita reflexão obedeceu, como bem sabem vocês, a uma guerra que pode ser chamada «a última das guerras românticas».

A partir de 1898 e tomando por base a própria regeneração do velho solar ibérico, a Espanha começa a olhar a América com a objetividade que dá a perspectiva histórica, isenta de interesses a prazo fixo, mas solidamente fundada no uso de um patrimônio comum.

A filosofia das sociedades modernas e dos povos históricos, tão magistralmente desenvolvida em Ortega y Gasset, em Unamuno e no próprio Gregório Marañón, saltam a este lado do

Atlântico e se integram plenamente no processo reflexivo e criador do Brasil e de outras nações irmãs, tão orgulhosas agora de sua estirpe ibérica.

Neste caminhar aberto, franqueado pelo respeito e pela admiração de tantos outros povos, a Literatura tem servido de veículo a esta síntese unitária: de Camões e de Cervantes a Machado de Assis e a Jorge Amado, a força de nossa língua ibérica tudo invadiu. O teatro, a poesia, a grande narrativa dos últimos 20 anos — tão pontilhada de excelentes obras brasileiras — asombraram o Mundo.

O sentido individualista, o espírito épico, o determinismo do meio físico e a subsequente adaptação cultural deram passagem, nos últimos anos, a uma grande poesia crítico-social, herdeira de nossas melhores glórias.

A explosão das artes plásticas teve lugar em nossos povos e, às vezes, o Brasil foi vanguarda destes movimentos, uma dilatada história.

A prodigiosa arte barroca, de que excelentes mostras são as igrejas de Salvador na Bahia e mais tarde a maravilhosa rota do barroco de Minas Gerais, já no Século XVIII, constituem um patrimônio artístico muito sólido que estais sabendo conservar e proteger, pois não somente é um bem vosso, como também da arte universal.

Dois séculos mais tarde, esta inquietude oficial de todos os governos brasileiros se traduziu na busca de novas experiências, em torno das vanguardas de arte, mediante uma infinidade de foros artísticos e exposições internacionais.

A Bienal de São Paulo tem um grande peso específico na vida cultural e artística de toda América.

A própria fisionomia de nossas cidades, do Rio de Janeiro a São Paulo, de Salvador a Recife, desta jóia que é São Luís do Maranhão a Brasília, com o prodigioso plano urbanístico de Lúcio Costa e o genial enfoque da moderna arquitetura a cargo de Oscar Niemeyer, é o paradigma de um protagonista urbanístico do Brasil no mundo inteiro.

A comunidade de idéias de que vos falei e o sentido da ética e da estética nos próprios valores da herança cultural hispana, vêm enriquecidas pela contribuição de elementos sumamente originais que trabalhando sobre o patrimônio comum da tradição cristã, da civilização greco-romana, das contribuições de outros povos que deixaram suas marcas na Península Ibérica, da riquíssima história originária da América dão um sentido único e especialíssimo a nossos valores ibéricos.

Um grande ensaísta espanhol deste século, Américo Castro assinala que o fenômeno cultural, único na Europa, que se produz na Península Ibérica durante os séculos medievais e renascentistas obedece a um fator original e próprio de nossa cultura: a mescla do íntimo, do pessoal, do subjetivo com os elementos de observação objetivos.

Na Espanha, no Brasil, a experiência do pessoal, a perspectiva humana inegável; enriquece *ab initio* o fenômeno da progressão científica e o discurso crítico universitário. Esta contribuição original enriqueceu a cultura universal.

Eu gostaria que, baseados nesta experiência, as velhas conexões de nossas Universidades, tão carregadas de dimensão histórica se relançassem com força nestas fronteiras do Século XXI.

Que a cooperação científica e técnica que demanda o mundo de nossos dias se faça cada vez mais estreita entre o Brasil e a Espanha.

Convido a partir de agora não somente às instâncias políticas e administrativas de ambos países como, talvez ainda mais importante, ao setor do mundo da cultura e da Universidade, tão dignamente representado aqui, a participar com entusiasmo destes novos caminhos que devem estreitar a velha e afetiva relação histórica entre o Brasil e a Espanha.

Que o eixo cultural e histórico entre a Península Ibérica e este grande Brasil de nossos dias seja uma realidade operativa e brilhante a nível mundial, pois não lhe faltam elementos de riqueza para consegui-lo.

Meu país sabe perfeitamente que, graças a um processo histórico irreversível mas que é preciso cuidar e atender, nunca esteve nem poderá estar só.

Que faz parte de uma grande família que vive em ambas as orlas deste grande Oceano.

E que, em definitivo, nossa comunhão de interesses e nossa sólida herança devem ditar a coordenação de nossos passos e oferecer nossa experiência única e sumamente válida ao resto do mundo.

Não fazê-lo assim, Senhores, seria uma ingratidão histórica e um suicídio cultural em um momento em que o processo de democratização e a riqueza que traz o pluralismo político facilitarão enormemente a circulação de nossas idéias culturais, não só no Hemisfério, como no Mundo inteiro.

Progridir naquela direção significa sentir o nobre orgulho de pertencer a um solar onde se forjou uma das maiores aventuras culturais da Humanidade, em que os jovens povos da América ainda não deram sua última palavra.

Esta é a grande experiência que deve animar-nos e este é o sentimento de orgulho ibérico que nos une frente ao futuro.

16 DE MAIO
PALÁCIO DO ITAMARATY
BRASÍLIA — DF

PALABRAS DE S. M. EL REY JUAN CARLOS EN CONTESTACIÓN AL DISCURSO DE BIENVENIDA DEL PRESIDENTE DE BRASIL, JOÃO FIGUEIREDO

Señor Presidente,
Señoras, Señores,

En primer lugar deseo agradecer, en nombre de la Reina y en el mío propio, la generosa hospitalidad brasileña con que nos habeis acogido en esta hermosa ciudad de Brasilia, así como el brindis henchido de fraternidad y afecto que acabáis de pronunciar. Las afinidades y raíces esenciales entre Iberoamérica y España, constituyen los cimientos más sólidos para construir un fructífero entendimiento y una coherente acción exterior basada en la concreción de un proyecto político común y en la credibilidad del mismo. Por creer vivamente en ello pisamos siempre América con verdadera y renovada ilusión y con un sentido de la familiaridad al que no es ajena la Historia misma.

Señor Presidente,

España entera mira hoy con respeto y admiración a la Nación brasileña. La palabra Brasil concita en todos los españoles cálidas y mágicas evocaciones: el carácter legendario de una tierra de promisión, generosamente abierta a tantas influencias del exterior a lo largo de los siglos, de tan alta capacidad para la receptividad y la síntesis justifican sobradamente aquel sentimien-

to. La épica de los *bandeirantes*, su incesante y prodigiosa marcha hacia el Oeste, el continentalismo itinerante de la Nación brasileña, en suma, se podrían encontrar resumidos en esta Capital Federal, Brasilia. Milagroso ejemplo de la tenacidad histórica en la lucha por el destino. La Historia toda de Brasil es un compromiso permanente entre la inmensidad del empeño humano ante un medio, en principio adverso, y la voluntad de sus gentes por superarlo, abiertas siempre al diálogo y a las nuevas fronteras.

Nos une a Brasil la historia común de aquellos 60 años, a caballo entre los siglos XVI y XVII, así como los valores culturales que desde entonces permanentemente compartimos y la pertenencia inequívoca a una civilización común. A ambas orillas de ese Océano nuestro convertido en Mar familiar, nos une igualmente una actitud ante el futuro. A la imagen tradicional por bondadosa que siempre presentó Brasil en España como auténtico Eldorado integrador, como ubérrimo productor de materias primas, como país de gran receptividad hacia los flujos migratorios y con una extraordinaria capacidad para la asimilación de los elementos foráneos que ha integrado en su cultura y modo de ser nacionales, se añade hoy la admiración por la sabia andadura de este país en tan difícil coyuntura política y económica como la que vive el mundo de nuestros días, interés abierto y expectante por el proceso de auténtica democratización que tan hábilmente está llevando a buen puerto Vd., Señor Presidente.

En Iberoamérica existen tantos tiempos históricos como Naciones. Solo desde ese punto de partida se puede buscar una aproximación auténtica y objetiva al tema. No haberlo comprendido así, no haber enfocado nunca con el necesario realismo ni con el debido respeto el estudio de las corrientes profundas de la Historia de América, ha causado graves malentendidos, de nefastas consecuencias, no tan lejanos ni en el tiempo ni en el espacio. Por lo que se refiere a Brasil tanto más dolorosa ha sido esta carencia informativa, cuanto que éste es un país de personalidad muy definida en su contexto geopolítico, sugerente y rico en matices de todo tipo, gran potencia del siglo XXI, enorme realidad política e industrial ya hoy, llamado sin duda a interpretar un

papel de máximo relieve en años venideros. Por ocioso que parezca habría que remontarse a un planteamiento de tipo histórico-cultural para comprender debidamente lo que significa este país en el contexto de la Historia General del Continente Americano y en las específicas relaciones de España con esta parte del Mundo. En el Siglo de los Descubrimientos, con un destino intimamente unido al de las viejas metrópolis lusitana y española, con una dominación colonial portuguesa, producto de su talsocracia, prácticamente ceñida al litoral hasta bien entrado el siglo XVIII, con una población étnicamente muy diversificada y un sentimiento inicial de conciencia nacional acuñado en derredor de una pequeña élite de base latifundista y agraria en el siglo XIX, cuyos presupuestos sociológicos sufren una profunda transformación con el advenimiento de la República Federativa en 1889 y, sobre todo, con la actual experiencia desarrollista de nuestros días. Con los inevitables cambios escenográficos que el desarrollo y la industrialización han impuesto (basta asomarse a las vibrantes páginas escritas sobre el tema por la gran Escuela brasileña de la Sociología del Desarrollo), la realidad permanece inalterable: Brasil es en nuestros días un ejemplo notable de experiencias políticas y económicas que marca um modelo a seguir en muchos otros países. La experiencia ha de ser forzosamente positiva. Poner en marcha este proyecto es el gran reto de las postrimerías del siglo XX.

Señor Presidente.

La Reina y yo hemos admirado la atrevida arquitectura, plena de belleza, de los edificios públicos de Brasilia, de sus grandes explanadas y del original «Plano-Piloto» que dan una configuración urbanística atrevida y única a esta Capital Federal, enclavada en el corazón del Planalto y de la que no está ausente el intento de España al presentar la atrevida síntesis estilística de mi país que es la Embajada de España. En días sucesivos continuaremos nuestro recorrido emotivo y dialogante por Río de Janeiro y São Paulo, ciudades de tan definitiva presencia en la vida de este gran país.

Al agradecer nuevamente a Vuestra Excelencia la hospitalidad que nos habéis dispensado, debo proclamar la gozosa emo-

ción con que vivimos estos momentos de acercamiento entre dos pueblos hermanos de raigambre ibérica que están indisolublemente unidos a lo largo de los siglos por la pertenencia a una misma familia y por propio mandato de la Historia, y que, sobre todo, proyectan su futuro con la certeza de la coincidencia esencial en la tarea histórica común que nos aguarda.

Señor Presidente, Señora de Figueiredo,

La Reina y yo, en nuestro propio nombre y en el del pueblo español, os decimos de nuevo: Muchas gracias.

17 DE MAIO
CONGRESSO NACIONAL
BRASÍLIA — DF

DISCURSO DE S. M. EL REY JUAN CARLOS EN LA OCASIÓN DE LA SESIÓN SOLEMNE EN SU HONOR

Sr. Presidente del Congreso;

Sres. Congresistas:

Me honra sobremanera vuestra invitación de dirigir esta alocución al Senado y a la Cámara de los Diputados de la República Federativa de Brasil reunidos en Sesión Conjunta y, a su través, al pueblo que vosotros representáis.

Para cualquier español los pueblos de América tienen un significado profundo, consecuencia lógica de una Historia común y de la especial relación que a través de los siglos nos ha unido de forma tan permanente. No resulta sin embargo empresa fácil referirse al significado hondo de esas relaciones, por varias razones. Y es que de Iberoamérica no se puede hablar como si de un todo homogéneo se tratara, aplicando recetas generalizadoras e queriendo transferir modelos ajenos, como a veces se cae en la tentación desde algunos puntos de Europa. En el Continente Americano existen tantos tiempos históricos como naciones, lo cual supone peculiaridades nacionales y diversos grados, ritmos y niveles de desarrollo estructural. Sólo desde esa base de partida se puede intentar una aproximación a Iberoamérica.

Superada una época en la que España e Iberoamérica han estado más cerca en lo formal que en las cuestiones de fondo, se inicia una nueva etapa en la que las relaciones entre nuestros

pueblos pueden y deben adoptar un común proyecto de auténtica dimensión histórica. La proyección americana de España constituye uno de los objetivos fundamentales de la política exterior de mi país y, al mismo tiempo, un compromiso que, encarnado en la Corona, quedó reflejado en nuestra Norma Suprema Constitucional: «El Rey asume la más alta representación del Estado español en las relaciones internacionales, especialmente en las naciones de su Comunidad histórica...» (art. 56.1 de la Constitución).

La puesta en marcha de este proyecto es el gran reto histórico que España afrontará en los próximos años a uno y otro lado del Atlántico, porque más que una política hacia Iberoamérica, se debe hablar de una política con y al lado de los pueblos de este Continente. Las bases que regirán esa política deben ser asumidas por cualquier gobierno democrático español, independientemente de su signo político: en consecuencia, por todas las fuerzas políticas y sociales del país, obedeciendo a una auténtica política de Estado. Esta concepción estatal ha quedado expuesta con ocasión de mis anteriores viajes al Continente hermano, tratando de fijar las líneas generales de estos vínculos en sus dimensiones exactas.

En más de una ocasión he manifestado que deseamos mantener relaciones permanentes y profundas con el Continente Iberoamericano porque por encima de los gobiernos, que son coyunturales, están las relaciones con los pueblos, que son permanentes. Esta es la filosofía que informa la política exterior española cara a nuestra presencia en América Latina. Continuidad de esa presencia, expresión del respeto entre los Estados y del principio de no ingerencia en los asuntos internos de otros países. La idea quedaría, no obstante, inoperante si no pudiéramos desarrollar junto a esa política de Estado, de forma paralela, una «política de los pueblos». La solidaridad con los pueblos que luchan por la libertad y la democracia, la defensa de los derechos humanos, la promoción de la justicia, el progreso y la paz son valores universales que defenderemos activamente y que España planteará en cuantos foros internacionales pueda hacer oír su voz.

Sr. Presidente del Congreso;

Sres. Congressistas,

Al dirigirles la palabra a ustedes no puedo sino señalar lo digna de encomio que resulta la vía brasileña de desarrollo político que de forma tan esperanzadora quedó abierta en su día.

El pluralismo político como base de la consolidación de la democracia, el equilibrio entre un sistema de libertades y el mantenimiento del orden público, el respeto fiel y constante a los derechos humanos y la presencia en el esquema democrático de todas las minorías, son condiciones que convergen en el supremo ideal democrático. La democratización, además, supone hoy — en éste como en otros Continentes — la palanca básica para la consolidación del desarrollo social y económico.

Yo me permito pues públicamente felicitar aquí a los nuevos Senadores y Congressistas elegidos por el pueblo brasileño el 15 de noviembre, en elecciones libres. En vuestras manos están depositadas ahora las expectativas de una transición democrática a la que comienza a mirar el mundo no ya con interés, sino con auténtica admiración y respeto. Tal es el valor de vuestra difícil andadura.

Aquellas conquistas están en la línea de la más honda tradición humanista de nuestros pueblos y del reconocimiento de los valores liberales que distinguen a nuestra mutua tradición occidental, que arrancan del siglo XIX. En los momentos actuales, en que se aspira al establecimiento de un nuevo orden internacional; en las tensiones de los grandes problemas de esta segunda mitad del siglo XX, es precisamente cuando las dificultades hacen más necesario el cambio. Cambio de actitudes, cambio de perspectivas, cambio de instrumentos en los planteamientos de nuestra filosofía y de nuestros modos de acción.

Sr. Presidente del Congreso;

Sres. Congressistas,

En el orden internacional se hace preciso el reconocimiento del margen de autonomía necesario para defender los intereses nacionales, dentro del respeto de los equilibrios regionales o globales. Creo que en este sentido Brasil ha dado pruebas más que

suficientes, durante los últimos años, de esa autonomía de criterios y de acción al mantener posiciones propias en sus relaciones internacionales que no vienen sino a enriquecer la unidad de las acciones regionales o hemisféricas. La larga tradición de diálogo y flexibilidad de vuestro pueblo, la inagotable capacidad de asimilación y absorción de que Brasil ha dado muestras sobradas desde el momento histórico del grito de Ypiranga, son valores espirituales permanentes que ayudarán sin duda a cimentar el definitivo peso específico de América en el mundo del siglo XXI. Pero aún antes, en la difícil crisis global que vivimos en nuestros días, esas virtudes reconocidas de vuestro pueblo, abierto siempre al diálogo constructivo y a la crítica creativa, ayudarán sobremanera a buscar una salida a las penurias financieras del momento actual y a solidificar los procesos de integración regional y subregional actualmente en marcha.

La riqueza del pluralismo político, de la que sois representantes, presta un gran servicio a la Comunidad de intereses de todos los pueblos americanos que miran hoy con fe y esperanza el futuro inmediato de este gran país.

El generoso espíritu de la libertad que constantemente ha nutrido el ideario de vuestros más destacados portavoces y de vuestras leyes, sirviendo con fidelidad a vuestro pueblo, encierra la clave interpretativa de un futuro de creciente concordia y de grandes realizaciones.

No quisiera acabar estas meditadas palavras sin hacer una referencia a la inalterabilidad y permanencia de los vínculos reales, con base en la cultura y en la historia, que unen a España con este Hemisferio, con sus pueblos hermanos de América. Rindo pues homenaje ante estas Cámaras reunidas en Sesión Conjunta a las naciones soberanas e independientes de Iberoamérica que, como es el caso de Brasil, siguen constituyendo para España el norte y la guía de nuestra política exterior. No en vano, señores Senadores y Diputados, España tiene sus sentimientos fuertemente anclados en esta parte del Atlántico.

19 DE MAIO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
SÃO PAULO — SP

DISCURSO DE S. M. EL REY JUAN CARLOS EN LA UNIVERSIDAD DE SÃO PAULO, CON OCASIÓN DE SU NOMBRAMIENTO COMO DOCTOR «HONORIS CAUSA» DE LA MISMA.

Señor Rector de la Universidad de São Paulo;
Autoridades académicas;
Señores profesores;
Señoras y señores:

El honor que me deparáis con la investidura como Doctor *Honoris Causa* por esta prestigiosísima Universidad de São Paulo, tiene para mí un profundo significado y constituye una satisfacción especialísima por cuanto rebasa el marco normal de la distinción de que se me hace objeto.

Se hace preciso en este orden de ideas una explicación sobre el sentimiento de que os hablo.

En el mes de noviembre de 1.978, con motivo de un discurso pronunciado en la Universidad de San Marcos, de Lima, que me honró con análoga distinción, puse de manifiesto el hondo sentido histórico que se precisa para valorar debidamente la íntima trabazón intelectual y humana que ha unido siempre a las Universidades americanas con las españolas.

Señalaba en aquella ocasión que las 14 generaciones genealógicas que nos separan del gran comienzo de la época de los des-

cubrimientos y la colonización de América, son en realidad un breve espacio de tiempo histórico.

A pesar de la gran obra realizada, es evidente que la función básica de la vieja idea medieval de la *Universitas* está abriendo aún nuevos cauces y buscando nuevas fronteras.

En ninguna parte la idea motriz de una Universidad en marcha es tan evidente como en América. Y posiblemente sea la Universidad de São Paulo uno de los grandes focos intelectuales del Continente, con categoría de auténtica pionera en muchas de las enseñanzas que aquí se imparten.

Pero no es sólo la Universidad, sino la propia vida intelectual brasileña en su conjunto, la que aporta los valores de una larga tradición cultural propia de este país y, en definitiva, el carácter de renovación que vive hoy el mundo de la cultura y que tan necesitado está de nuevas ideas y experiencias con auténtica validez y dimensión universales.

Al agradecer esta distinción, resumen y compendio de los más altos valores del espíritu de este gran país, quisiera traer a la consideración de todos ustedes que en este mundo de las ideas tan lejos de los intereses meramente políticos o de las exigencias inmediatas que plantean las relaciones internacionales — existen algunos conceptos fuertemente sentidos en mi país que pueden alumbrar nobles expectativas en la evolución de la propia idea de la Universidad en nuestros pueblos.

La cultura ibérica ha aportado muchos valores al mundo, no sólo al occidental.

La dimensión ecuménica de nuestra cultura y de sus modos de actuación y difusión forma parte ya de un patrimonio común de la humanidad. Y es curioso comprobar cómo en el origen de aquella gran aportación hemos caminado estrechamente y de la mano durante los últimos siglos.

Señor Rector;

Autoridades académicas:

El elemento diferencial más importante en cualquier proceso histórico-cultural, suele venir dado por la lengua. El idioma es la

sangre de nuestra cultura, como decía aquél insigne gramático andaluz del siglo XV, Antonio de Nebrija.

En el caso de Brasil, de Portugal, de las vecinas naciones hermanas de este gran Continente y de la propia España, el elemento diferencial al que aludo no existe realmente.

Por el contrario, se pierde en un tronco común.

El señorío de vuestra noble lengua portuguesa viene fundido históricamente en el crisol común de las lenguas romances peninsulares. Incluso desde un punto de vista cronológico, el primer gran paso del latín vulgar a la nueva lengua, lo da la írica galaico-portuguesa.

Brasil heredó los valores de aquél gran vehículo de difusión cultural, que enriquece día a día en las aulas y fuera de ellas.

El avance del idioma, las nuevas experimentaciones en el campo de la semántica, el hallazgo de nuevos vocablos y la necesidad de encajar nuevos conceptos tecnológicos y científicos en términos de nuevo cuño, son la savia de la lengua.

Se dijo, sin razón alguna, que los pueblos ibéricos, nuestros pueblos, habíamos estado dotado para el cultivo — siempre brillante — de las Humanidades y de las Artes, pero que adolecen de ciertas condiciones básicas para afrontar con igual habilidad el mundo científico, de la experimentación y de la práctica. Esto, que siempre fue una verdad a medias, es hoy totalmente falso.

Incluso en los albores de la presencia de la civilización europea en este Continente, hubo algunas especialidades científicas como la Astronomía, la Cartografía y la Náutica en que la contribución de nuestros pueblos fué no ya general, sino trascendente y casi monopolizadora. La épica de aquellos siglos, de la que Camões fué el gran intérprete, no se comprende sin el obligado tributo a nuestra Ciencia de entonces.

Ello no ha desmerecido nunca aquel viejo respeto por las Humanidades, ni el prodigioso cultivo de las mismas.

Incluso hoy, en la marcha necesaria hacia un nuevo espíritu humanístico, los países de nuestra estirpe tienen mucho que decir y que aportar al gran caudal común.

El proceso reversivo del discurso crítico-científico que presenciábamos en nuestras sociedades actuales sólo puede ser válido tratando de obtener la síntesis total, la dimensión única del hombre en el mundo, a la que aspiraron las grandes inteligencias renacentistas de los siglos XV y XVI.

La crisis de valores, la búsqueda de nuevos caminos, la necesidad de fundar un nuevo orden internacional que aleje a la Humanidad del holocausto de la guerra total y de las graves injusticias sociales que aún padece el hombre sobre la tierra son, mis distinguidos amigos, retos perentorios que acosan nuestro quehacer diario y a los cuales la primera obligada en dar respuesta es la Universidad.

En esos nuevos caminos, la aportación de la intelectualidad brasileña y de esta gran Universidad de São Paulo ha rebasado ya vuestras fronteras desde hace muchos años para adquirir reconocimiento público e infinidad de disciplinas: vuestra Medicina, la gran tradición liberal de vuestra Facultad de Derecho, el cultivo de las Ciencias Sociales y el prestigio de las nuevas escuelas de la Sociología del Desarrollo, en que las generaciones de brasileños se suceden unas a otras en brillantez y experiencia acumulada, son buena prueba de ello.

A principios de siglo los españoles entendieron, en un generosísimo movimiento crítico que se conoce con el nombre de Generación del 98, que era preciso cambiar la filosofía de los pueblos históricos, entendiendo por tales los que habían aportado valores decisivos al desarrollo de la Humanidad.

La triste coyuntura o circunstancia histórica en que dicha reflexión se fundaba, obedeció, como muy bien saben ustedes, a una guerra que muy bien pudo ser llamada «la última de las guerras románticas».

A partir de 1.898 y tomando como base la propia regeneración del viejo solar ibérico, España comienza a mirar a América con la objetividad que da la perspectiva histórica, exenta de intereses a plazo fijo pero sólidamente fundada en el uso de un patrimonio común.

La filosofía de las sociedades modernas y de los pueblos históricos, tan magistralmente desarrollada en Ortega y Gasset,

Unamuno y el propio Gregorio Marañón, saltan a este lado del Atlántico y se integran de lleno en el proceso reflexivo y creador de Brasil y las otras naciones hermanas, tan orgullosas ahora de su estirpe ibérica.

En ese caminar abierto, franqueado por el respeto y la admiración de tantos otros pueblos, la Literatura ha servido de vehículo en esa síntesis unitaria: de Camões y de Cervantes a Machado de Assis y a Jorge Amado, la fuerza de nuestra lengua ibérica lo ha invadido todo. El teatro, la poesía, la gran narrativa de los últimos 20 años — tan plagada de excelentes obras brasileñas — has asombrado al mundo.

El sentido individualista, el espíritu épico, el determinismo del medio físico y la subsiguiente adaptación cultural, han dado paso en los últimos años a una gran poesía crítico-social, heredera de nuestras mejores glorias.

La explosión de las artes plásticas ha tenido en nuestros pueblos, y a veces Brasil ha sido vanguardia de estos movimientos, una dilatada historia.

El prodigioso arte barroco de que tan excelente muestra son las iglesias de Salvador en Bahía y el más tardío que se da en la maravillosa ruta del barroco de Minas Geraes, ya entrado el siglo XVIII, constituyen un patrimonio artístico muy sólido que estáis sabiendo conservar y proteger, pues no solamente es un bien vuestro, sino también del arte universal.

Dos siglos más tarde, esta inquietud oficial de todos los Gobiernos brasileños se ha traducido en la búsqueda de nuevas experimentaciones, en torno a las vanguardias del arte, mediante infinidad de foros artísticos y exposiciones internacionales.

La Bienal de São Paulo tiene un gran peso específico en la vida cultural y artística de toda América.

La propia fisonomía de vuestras ciudades, desde Río de Janeiro a São Paulo, desde Salvador a Recife, desde esa joya de San Luis de Maranhão a Brasília, con el prodigioso plano urbanístico de Lúcio Costa y el genial enfoque de la moderna arquitectura a cargo de Oscar Niemeyer, es paradigma de un protagonismo artístico de Brasil en el mundo entero.

La comunidad de ideas de que os he hablado y el sentido de la ética y de la estética en los propios valores de la herencia cultural hispana, vienen enriquecidas por la aportación de elementos sumamente originales que trabajando sobre el patrimonio común de la tradición cristiana, de la civilización grecorromana, de las contribuciones de otros pueblos que dejaron su paso en la Península Ibérica, de la riquísima historia originaria de América, dan un sentido único y especialísimo a nuestros valores ibéricos.

Un gran ensayista español de este siglo, Américo Castro, señala que el fenómeno cultural, único en Europa, que se produce en la Península Ibérica durante los siglos medievales y renacentistas obedece a un factor original y propio de nuestra cultura: la mezcla de lo íntimo, de lo personal y lo subjetivo con los elementos de observación objetivos.

En España, en Brasil, la experiencia de lo personal, la perspectiva humana insoslayable, enriquece *ab initio* el fenómeno de la progresión científica y del discurso crítico universitário. Esta aportación original ha enriquecido la cultura universal.

Yo quisiera que, en base a esta experiencia, las viejas conexiones de nuestras Universidades, tan cargadas de dimensión histórica, se relanzáran con fuerza en estas fronteras del siglo XXI.

Que la cooperación científica y técnica que demanda el mundo de nuestros días se hiciera cada vez más estrecha entre Brasil y España.

Invito a partir de ahora no sólo a las instancias políticas y administrativas de ambos países sino, a lo que aún es quizá más importante, al sector del mundo de la cultura y de la Universidad, tan dignamente representado aquí, a participar con entusiasmo en estos nuevos caminos que deben estrechar la vieja y afectiva relación histórica entre Brasil y España.

Que el eje cultural e histórico entre la Península Ibérica y este gran Brasil de nuestros días sea una realidad operativa y brillante a nivel mundial, pues no le faltan elementos de riqueza para conseguirlo.

Mi país conoce perfectamente que, gracias a un proceso histórico irreversible pero que es preciso cuidar y atender, nunca ha estado solo ni podrá estarlo.

Que forma parte de una gran familia que vive a ambas orillas de este gran Océano.

Y que, en definitiva, nuestra comunidad de intereses y nuestra sólida herencia deben dictar la coordinación de nuestros pasos y ofrecer nuestra experiencia única y sumamente válida al resto del mundo.

No hacerlo así, señores, sería una ingratitud histórica y un suicidio cultural, en un momento en que el proceso de democratización y la riqueza que aporta el pluralismo político, facilitarán enormemente la circulación de nuestras ideas culturales no sólo en el Hemisferio, sino en el mundo entero.

Progresar en aquella dirección requiere sentir el noble orgullo de pertenecer a un solar en donde se fraguó una de las mayores aventuras culturales de la Humanidad, en la que los jóvenes pueblos de América aún no han dicho su última palabra.

Esa es la gran experiencia que debe animarnos y éste es el sentimiento de orgullo ibérico que nos une cara al futuro.

ENTREVISTA DO EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA
AO JORNALISTA FRANCISCO FIGUEROA, CORRESPONDENTE DA
AGÊNCIA EFE EM BRASÍLIA: SUGESTÕES DE RESPOSTA.

1. Senhor Presidente, nos próximos dias, vai hospedar ao Rei da Espanha, Juan Carlos de Borbón, motor da redemocratização naquele país. Existe um paralelismo inegável entre a tarefa presidencial de Sua Excelência e a desempenhada pelo monarca espanhol. Qual é sua opinião sobre a figura do Rei, sua obra, o processo político espanhol e os pontos em comum que possam existir com o processo brasileiro?
- R. A visita do Rei Juan Carlos se inscreve no quadro do fortalecimento das relações entre Brasil e Espanha. Desse processo, não deve ser abstraído o patrimônio histórico-cultural comum que une os dois países. Ao mesmo tempo, a iniciativa da visita demonstra também o objetivo de darmos maior profundidade e abrangência aos vínculos entre Brasil e Espanha.

A figura do Rei Juan Carlos de Borbón está intimamente associada ao papel que tem protagonizado no sentido de assegurar a seu país o aprimoramento de um processo político pautado pelos ideais de democracia e pluralismo. O desenvolvimento da sociedade brasileira tem igualmente por escopo o aproveitamento pleno das nossas potencialidades como nação a partir de um quadro de referências em que o caminho democrático e o pluralismo político se inscrevem como parâmetros essenciais. Entre muitas outras identificações, aí se encontra um vínculo especial entre Brasil e Espanha nas suas atuais trajetórias políticas.

2. Senhor Presidente, Espanha não é uma superpotência e também não pertence à Comunidade Econômica Européia, não

caindo também na esfera terceiro-mundista. Seriam essas as causas, possivelmente, para que as relações Brasil/Espanha sejam politicamente tímidas e comercialmente pouco substanciais? Senhor Presidente, a visita do Rei pode representar a grande oportunidade para que brasileiros e espanhóis comecem a conhecer-se e compreender-se melhor?

- R. Brasileiros e espanhóis se conhecem e se compreendem muito bem. Há uma atmosfera natural de cordialidade e simpatia entre os povos espanhol e brasileiro. É ainda inegável a importância do legado espanhol ao processo histórico e de desenvolvimento do Brasil. Em nossos dias, a numerosa colônia espanhola que vive no Brasil participa significativamente do nosso esforço de construção de um futuro melhor para todos nós.

Não há dúvida, entretanto, que a visita de D. Juan Carlos será marco importante para as relações Brasil/Espanha e dará impulso a sua consolidação e dinamização. E tem sido precisamente este o objetivo dos dois governos. A troca constante de visitas de altas autoridades brasileiras e espanholas tem permitido uma maior convivência e um melhor conhecimento das oportunidades de ampliação do variado intercâmbio Brasil/Espanha.

Tudo isso não quer dizer, evidentemente, que nos tenhamos acomodado ao estágio atual de nossas relações. A ampliação e intensificação das relações Brasil/Espanha em todos os campos é um objetivo permanente.

3. Senhor Presidente, houve seu compromisso de fazer do Brasil uma democracia e deu passos concretos e importantes nesse sentido. Porém, observando-se a vida política brasileira, sente-se que falta ainda um importante trecho do caminho que completaria sua obra. Quais são os pontos básicos até 85 de sua obra política?
- R. Não vejo a democracia como obra política exclusivamente minha, nem tampouco como um caminho que se completa. Visualizo o caminho democrático como um processo que se aprimora continuamente, se enriquece com os dados de evo-

lução histórica e se consolida na medida em que fortalece o tecido social da nação. O Brasil vive conjuntura econômica moldada pelas repercussões negativas da crise econômica internacional. A austeridade no dispêndio governamental e o esforço coletivo no sentido de promover a recuperação econômica são essenciais ao nosso esforço atual como nação. Esse caminho se complementa com o aprimoramento de nossa vida político-institucional. A trajetória política brasileira busca, assim, ampliar o esforço para a superação da atual crise econômica e para o aproveitamento de nossas potencialidades como nação, num quadro que tem como um de seus parâmetros a consolidação do processo democrático em nosso país.

4. Senhor Presidente, a crise econômica interna incidiu particularmente nos setores menos favorecidos, configurados inclusive naquilo que o Senhor chamou de «uma enorme dívida social». Os incidentes de São Paulo deram a impressão de ser um sinal de alerta sobre alguns problemas sociais que podem desembocar em desestabilização, sendo aproveitados por forças contrárias a sua obra de governo. O problema social brasileiro não pode ser um agente capaz de desmontar o processo de abertura? Quais são as garantias de estabilidade e continuidade desse processo?

- R. O desenvolvimento da sociedade brasileira nas últimas décadas, ao consolidar o processo de industrialização e ampliar as faixas de mobilidade social, leva à emergência de desequilíbrios sociais inerentes a economias em transformação. Não compartilho a percepção de que os problemas sociais brasileiros poderão desmontar a nossa trajetória político-institucional. Acredito que as potencialidades inerentes à economia brasileira ampliam a nossa capacidade de ajustamento diante das dificuldades impostas pela atual crise econômica. No plano político, a participação da sociedade no projeto político de consolidação do caminho pluralista se amplia e se aprofunda. A meu ver, aí se encontram as garantias mais efetivas da continuidade do desenvolvimento brasileiro.

5. Senhor Presidente, existe uma certa análise e enfoque dos problemas brasileiros. Baseado nessa visão, pergunto: seu país não está pagando um preço agora por haver querido ser uma grande nação, equidistante das grandes potências e dirigida fundamentalmente ao relacionamento com o Terceiro Mundo? E mais, pretendendo-se que o Brasil desempenhasse um papel de grande importância? Não estou me referindo às alegadas e desmentidas intenções hegemônicas brasileiras.
- R. O relacionamento internacional do Brasil não é seletivo ou restritivo. Ele flui, sem inibições, tanto com relação ao Norte desenvolvido quanto com relação aos países em desenvolvimento. O Brasil pertence, como já foi dito tantas vezes, simultaneamente ao Mundo Ocidental, com o qual temos relações de importância histórica e atual, e ao mundo em desenvolvimento, com o qual buscamos expandir vínculos de significado crescente. Não é verdade que atribuamos, em princípio, maior prioridade para qualquer dessas vertentes de relacionamento. Na conjuntura atual, afetada pela maior crise econômica internacional dos últimos 50 anos, todo o panorama internacional viu-se afetado por problemas graves e imediatos e os países em desenvolvimento, por serem mais vulneráveis à mecânica da crise, sofrem suas consequências com maior vigor. Este, porém, não é um fator que invalide os esforços no sentido de estreitar os laços de cooperação entre os países do Terceiro Mundo, baseados no respeito mútuo, na igualdade e na busca criativa de novas modalidades de intercâmbio.
6. Senhor Presidente — A linha da atual política externa foi definida logo no início de seu Governo: prioridade para a América Latina, Terceiro Mundismo, fim do alinhamento automático e uma linha independente. Como essa política poderá ser mantida levando em conta que o Brasil é hoje um país externamente vulnerável? Quais serão as modificações, se é que as haverá?
- R. É óbvio que o Brasil segue uma linha de atuação independente, pois essa é a vocação de qualquer país consciente de seus

próprios interesses. Mas a enumeração de prioridade contida em sua pergunta é algo arbitrária. Poderíamos falar, em termos de definições globais, que o Brasil se orienta, em seu relacionamento internacional, pelos princípios do universalismo, da boa convivência e da dignidade nacional. Tais princípios têm validade permanente e é claro que não teria sentido pensar em modificá-los ao sabor das flutuações da conjuntura. Do mesmo modo, nosso relacionamento com a América Latina, seja como um valor em si mesmo, estimulado pela vizinhança, seja no contexto maior da aproximação entre os países do Sul, seguirá sempre sendo objeto da atenção cuidadosa do Governo brasileiro. Da mesma forma, sempre indiquei prioridade para a África, com a qual temos ligações históricas, humanas e geográficas inegáveis.

7. Senhor Presidente — Gostaria de que, por seu intermédio, possa ser desfeito um dos grandes estereótipos da imagem brasileira no Exterior. Quando se pergunta a um europeu pelo Brasil, lamentavelmente, ele se refere a fatos considerados como folclore. Falará do país do futebol, do samba e do carnaval. E o Brasil é uma nação surpreendente e grande. Senhor Presidente, diga aos europeus o que é, representa e onde vai o Brasil?
- R. O Brasil é um país complexo e dinâmico, com forte personalidade própria, essencialmente preocupado em tornar o sistema internacional mais adequado à superação dos obstáculos que entravam os objetivos maiores da comunidade das nações — a Paz e o desenvolvimento. Procuramos, em bases permanentes e sistemáticas, reforçar as bases da confiança internacional, através do diálogo, da negociação, da busca de coincidências que tenham significado a longo prazo. Respeitamos estritamente as normas da boa convivência e insistimos em que elas sejam por todos respeitadas. Visamos à construção de um mundo onde a cooperação igualitária e mutuamente vantajosa seja a tônica do relacionamento entre os países e é nesse contexto que favorecemos o estabelecimento de um novo ordenamento internacional que nos coloque no caminho

certo de um futuro melhor para toda a Humanidade. Esta é, em essência, a visão que o Brasil deseja projetar para a comunidade internacional.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE CIVIL
SECRETARIA DE IMPRENSA E DIVULGAÇÃO